



Arquétipo Jung na espiritualidade da Nova Era: Ciência da Religião diante da diversidade religiosa

Jung Archetype in New Age Spirituality:
Science of Religion in the face of religious diversity

Paulo Roberto Franco Ferreira¹

Resumo: Este artigo investiga a relevância do psiquiatra Carl Gustav Jung para a compreensão da espiritualidade contemporânea vinculada à Nova Era, propondo uma ressignificação dos estudos da Ciência da Religião (CR) diante da crescente diversidade religiosa no Brasil e no mundo. Parte-se da premissa de que o aumento das formas de vivência espiritual demanda novos referenciais teóricos e metodológicos. Nesse cenário, analisa-se de que maneira a Psicologia da Religião (PR) contribui para o enfrentamento dos desafios impostos pela pluralidade religiosa, bem como a forma como a CR tem assimilado essas transformações. O estudo se organiza em eixos principais: (1) uma reflexão epistemológica sobre a diversidade religiosa e seus impactos na constituição da CR; (2) uma análise do desenvolvimento histórico das religiões no Brasil; (3) a análise do papel da PR na interpretação das mudanças contemporâneas no comportamento religioso; e (4) a identificação de ressonâncias entre as teorias de Jung e os pressupostos simbólicos da espiritualidade da Nova Era. Conclui-se que tanto a CR quanto a PR são fundamentais para compreender o novo “espírito do tempo” — uma Nova Era em consolidação — sendo Jung interpretado como um arquétipo simbólico que sintetiza e inspira esse processo.

Palavra-chaves: Psicologia da Religião; Nova Era; Diversidade Religiosa; Espiritualidade.

Abstract: This article investigates the relevance of psychiatrist Carl Gustav Jung for understanding contemporary spirituality linked to the New Age, proposing a redefinition of Religious Studies in light of the growing religious diversity in Brazil and around the world. It is based on the premise that the increase in forms of spiritual experience requires new theoretical and methodological frameworks. The study is organized into main axes: (1) an epistemological reflection on religious diversity and its impacts on the constitution of Science of Religion; (2) an analysis of the historical development of religions in Brazil; (3) the analysis of the role of the Psychology of Religion in interpreting contemporary changes in religious behavior; and (4) the identification of resonances between Jung's theories and the symbolic assumptions of New Age spirituality. The research reveals how Psychology of Religion contributes to addressing the challenges posed by religious pluralism and how Science of Religion has assimilated these transformations, indicating Jung's importance as a symbolic bridge to the New Age. It is concluded that both Science of Religion and Psychology of Religion are essential to understanding the new "spirit of the time," with Jung interpreted as a symbolic archetype who synthesizes and inspires this process of transformation in contemporary spirituality.

Keywords: Psychology of Religion; New Age; Religious Diversity; Spirituality.

¹Licenciatura e Bacharelado em História (UFJF), Mestrado em História (UFJF), Mestrando em Ciência da Religião (UFJF). Membro do “Núcleo de Estudos Religião e Psique” (NERELPSI/PPCIR/UFJF). Contato: robertofferreira09@gmail.com



Introdução

No presente artigo, demonstra-se a relevância do psiquiatra Carl Gustav Jung para a compreensão da espiritualidade contemporânea vinculada à Nova Era. O objetivo é ressignificar os desafios enfrentados pela Ciência da Religião (CR) diante da crescente diversidade das expressões religiosas, especialmente aquelas associadas à espiritualidade da era atual. Observa-se que, nesse contexto, emerge uma pluralidade religiosa intensificada pelo surgimento de novos movimentos esotéricos no Brasil, os quais se articulam com tradições gnósticas antigas e expressam uma espiritualidade profunda e simbólica.

Essa renovação espiritual, característica da Nova Era, revela o ressurgimento do conhecimento gnóstico como forma de religiosidade vinculada ao cristianismo primitivo, marcada por uma simbologia complexa e de difícil interpretação. Nessa perspectiva de ruptura com modelos religiosos tradicionais, diversas expressões religiosas — de matriz protestante, indígena, africana e asiática — reforçam a diversidade religiosa e contribuem para a superação do domínio histórico da Igreja Católica no contexto brasileiro. Nesse cenário de transformações, a figura de Jung emerge como elo fundamental entre o pensamento gnóstico e a espiritualidade moderna.

O termo “Nova Era”, assim como expressões correlatas — nova consciência, novos movimentos religiosos e holismo —, refere-se a formas alternativas de espiritualidade que se afirmam no mundo contemporâneo em contraposição às religiões institucionais e históricas. Trata-se de um conceito polissemântico, marcado por uma disputa de sentidos quanto à sua melhor definição. De acordo com Camurça (1996), o movimento apresenta duas características centrais: a fundamentação holística, baseada na ideia de que “tudo é um”, e a fundamentação mística, que reconhece a presença de um espírito interior em todas as coisas. A Nova Era constitui, portanto, um fenômeno complexo e heterogêneo, sociologicamente identificável, mas não organizado sob a forma de instituição. Configura-se antes como um conjunto plural de estilos de vida, voltados a diferentes perfis de indivíduos, unidos pela crença de que a divindade ou a perfeição residem no interior de cada pessoa e pela busca de integração entre corpo, mente e espírito (Amaral, 1994).

Na primeira parte, inicia-se uma análise na CR, que enfrenta desafios epistemológicos diante da crescente diversidade religiosa contemporânea, como a que se



expressa no contexto da Nova Era. A pesquisa em CR envolve discussões epistemológicas relevantes, especialmente no que se refere aos desafios impostos pela diversidade religiosa contemporânea. Essas discussões têm contribuído para a desconstrução do conceito de religião, examinando seus limites e possibilidades, bem como a variedade de fenômenos religiosos e a especificidade metodológica exigida no âmbito acadêmico.

Na segunda parte, explora-se o desenvolvimento histórico das religiões no Brasil. Com as transformações sociais e comportamentais, a pluralidade religiosa se intensificou, especialmente após o enfraquecimento do domínio da Igreja Católica e o fim do monopólio religioso herdado do período colonial. Nesse cenário, a Nova Era aparece como expressão emblemática da pluralidade espiritual contemporânea, reunindo elementos do esoterismo moderno, tradições religiosas diversas e uma busca por uma Gnose ou espiritualidade interiorizada.

Na terceira parte, evidencia-se a importância da Psicologia da Religião (PR) como campo complementar e integrante da CR, especialmente no esforço de compreender a experiência religiosa a partir da subjetividade humana. A PR fornece ferramentas analíticas essenciais para os estudos empíricos e sistemáticos da religião, exigindo a definição clara de seu objeto de estudo e metodologias específicas. Destaca-se a necessidade de considerar a religião em sua função original: a mediação entre o ser humano e o transcendente, bem como sua capacidade de oferecer sentido frente às adversidades cotidianas. No contexto contemporâneo, a PR assume novos significados ao dialogar com diferentes abordagens teóricas, movimentos sociais e o espaço público. Essa abertura contribui não apenas para a ampliação da CR como disciplina, mas também para a construção de uma compreensão mais abrangente e integrada da espiritualidade atual — na qual a herança de Jung e a multiplicidade de experiências religiosas da Nova Era desempenham papéis centrais.

Na quarta parte, demonstra-se que Jung encontrou nos gnósticos uma afinidade intelectual e espiritual que lhe permitiu reconstituir elos históricos entre o gnosticismo antigo e sua própria teoria do inconsciente. Percebeu paralelos significativos entre suas descobertas — especialmente a noção de inconsciente coletivo — e as intuições dos mestres de Alexandria, que também exploravam dimensões profundas da psique. Por isso, foi acusado por alguns de gnóstico, e por outros, de agnóstico. Sua contribuição aos estudos gnósticos e à interpretação contemporânea do gnosticismo primitivo foi



substancial. No entanto, esse legado ainda não é plenamente reconhecido por parte dos estudiosos de estudos bíblicos, em sua maioria oriundos de tradições teológicas ortodoxas, muitas vezes distantes de uma interlocução séria com a Psicologia Analítica. Essa lacuna é especialmente significativa quando se considera que Jung esteve diretamente envolvido no projeto de publicação do maior acervo de textos gnósticos originais descobertos na história: a Biblioteca de Nag Hammadi.

1. Desafios da Ciência da Religião na Nova Era

Na primeira parte, observa-se que os problemas e desafios epistemológicos enfrentados pela CR estão relacionados a situações específicas, como o compartilhamento incompleto do estado da arte da área, a ausência de uma intenção inicial de constituir-se como ciência e a não assimilação de sua disciplinaridade. Dessa forma, torna-se imprescindível acessar o passado intelectual da disciplina, uma vez que não é possível praticar uma ciência de maneira sólida sem compreender seus principais representantes, interesses temáticos, teorias, metodologias e problemas, bem como sem ter consciência de seu desenvolvimento histórico (Oliveira, 2022).

Frederico Pieper (2024) afirma que a pesquisa em CR promove a reflexão sobre questões epistemológicas centrais nessa atualidade. Os pesquisadores buscam clarear os métodos de investigação do objeto religioso, diferenciando-se de áreas correlatas, como teologia, filosofia, letras e ciências sociais. Destaca a inter-relação entre a discussão epistemológica e o contexto político, que influencia diretamente a prática da pesquisa, especialmente no que se refere ao investimento financeiro e à inserção da disciplina no conjunto dos saberes acadêmicos. Além disso, ressalta a importância do pluralismo cultural e religioso, considerando-o fundamental para os estudos comparativos da religião conduzidos pela CR, área que surgiu em resposta à condição de dominação colonial, muitas vezes utilizada como instrumento de controle e colonização:

Cabe ressaltar que o pluralismo cultural e religioso, como consequência do crescente material de estudo que chegava à Europa, oriundo da colonização do continente africano e asiático. É importante enfatizar essa condição. A Ciência da Religião emerge justamente num contexto de dominação colonial. Portanto, deve ser vista também como instrumento colonizador da Europa. Essa situação levou à necessidade do desenvolvimento de estudos comparados das diversas matrizes



religiosas. É importante ressaltar que estudos comparados aconteciam em outros campos, como na linguagem por exemplo (Pieper, 2024, p. 1-8).

Pieper (2019) aponta que o conceito de religião carece de clareza tanto em seu uso acadêmico quanto cotidiano. Essa indefinição paradoxal faz com que o termo continue a ser utilizado com ampla desenvoltura. Observa que a CR tem a religião como seu objeto de estudo, analisando-a de forma científica não por meio de uma metodologia própria, mas em função do tipo de objeto considerado. Assim, o termo implica uma diversidade de abordagens metodológicas, tema que permanece amplamente debatido na atualidade. Também ressalta que a CR é fruto do desenvolvimento do pensamento europeu do século XVII, resultado das transformações da modernidade, quando a relação social com a religião passou a ser analisada criticamente. Nesse período, a religião deixou de ser apenas praticada, tornando-se também tema de análise e reflexão analítica. Durante o Iluminismo, a abordagem da religião assumiu caráter crítico, abrindo espaço para a criação de uma área dedicada ao seu estudo. Identifica-se que, no século XIX, a CR consolidou-se como campo acadêmico específico, pautado na interpretação, descrição e comparação de linguagens simbólicas e práticas de diferentes tradições religiosas, sem pressupor superioridade de qualquer tradição. Desse modo, a CR é definida, nesse contexto histórico, não como ensino, mas como uma esfera de pesquisa valorizada por diversos pensadores modernos (Pieper, 2017).

Talal Asad (2010) entende a religião como um conceito geral, que deve, entretanto, ser compreendido em seu contexto específico. Os símbolos religiosos não se limitam a funções sociais ou ao apoio do poder político vigente, mas constituem formas de prática e discurso profundamente conectadas à cultura. Por essa razão, propõe analisar o conceito de religião de maneira particularizada, considerando suas características históricas e contextuais, especialmente sob uma perspectiva antropológica. Essa abordagem permite que a religião adquira identidade própria e seja compreendida com veracidade, respeitando sua complexidade e especificidade em contextos culturais:

Assim, o que aparece aos antropólogos de hoje como auto-evidente, isto é, que a religião é essencialmente uma questão de significados simbólicos ligados a ideias de ordem geral (expressos através de ritos e/ou doutrinas), que ela tem funções/características genéricas, e que ela não deve ser confundida com nenhuma outra de suas formas históricas ou culturais particulares, é de fato uma visão que tem uma história cristã específica. De um conjunto concreto de regras práticas ancoradas em



processos específicos de poder e conhecimento, a religião se tornou abstraída e universalizada. Neste movimento, não há um mero aumento da tolerância religiosa, nem, certamente, apenas uma nova descoberta científica, mas a modificação de um conceito e uma série de práticas sociais que é, ela mesma, parte de uma mudança mais ampla na paisagem moderna do poder e do conhecimento (Asad, 2010, p. 271).

Pieper (2017) enfatiza que a CR no Brasil surge em detrimento da teologia, não apresentando inicialmente uma discussão epistemológica aprofundada. Contudo, as discussões contemporâneas evidenciam uma preocupação crescente com a prática de pesquisa sobre a religião, especialmente em cursos de graduação. Organiza a história da CR em três momentos distintos: o primeiro, a partir de 1870, marcado pelo surgimento de um campo específico para o estudo da religião; o segundo, no período de pós-guerra, especialmente na década de 1960, caracterizado pela expansão do campo e pela reformulação dos métodos utilizados; e o terceiro, na década de 1980, quando emerge uma nova consciência crítica, relacionada aos estudos pós-modernos e pós-coloniais. No contexto brasileiro, a CR destaca-se em contraste com a teologia, especialmente diferenciando-se da teologia da libertação. Além disso, observa que o termo religião não possui homogeneidade conceitual, apresentando diversos modelos de compreensão, conforme o enfoque teórico e metodológico adotado:

O primeiro departamento foi fundado em 1969, na Universidade Federal de Juiz de Fora. A intenção inicial era a de constituir um curso de graduação, especialmente uma licenciatura, tendo em vista a formação de professores para o ER. No entanto, em 1974, tal proposta foi vetada pelo governo federal que, à época, entendia que essa não era a área de formação para docentes de religião da educação básica das escolas públicas (Pieper, 2017, p. 138).

Neste contexto, Eduardo Gross (2012) apresenta a CR como uma área de pesquisa relativamente recente no Brasil, responsável pelo desenvolvimento de estudos e pela formação acadêmica na área. Seus primórdios remontam à década de 1970, período em que a cultura positivista dominante no país não favorecia o tratamento da religião como tema acadêmico. Até então, o estudo da religião possuía caráter clerical, com uma formação acadêmica vinculada a contextos religiosos específicos. Destaca que, diferentemente do contexto europeu, o estudo acadêmico da religião no Brasil não se iniciou a partir da teologia, mas desenvolveu-se como um saber não qualificado, cujo crescimento depende da expansão de seu espaço no âmbito universitário contemporâneo. Além disso, enfatiza que a CR não se propõe a criticar a teologia da libertação, mas



contribui de forma significativa para a reflexão acadêmica sobre religião no contexto brasileiro:

A exemplo do que aconteceu em outros países, Ciências da Religião no Brasil tem seu surgimento a partir da Teologia. Especialmente, a teologia da libertação proveu solo fértil para o diálogo com as ciências humanas e a inserção da discussão do tema da religião na universidade, favorecendo o surgimento dos departamentos de Ciências da Religião (Gross, 2012, p. 13).

2. Desafios das religiões brasileiras na Nova Era

Num segundo momento, observa-se que a pluralidade de expressões religiosas, movimentos desvinculados da teologia tradicional e a emergência da espiritualidade da Nova Era, refletem a dinâmica dos arquétipos que se adaptam aos contextos históricos e culturais, como observado adiante no exemplo da Reforma Religiosa e nas mudanças sociais brasileiras. Como visto anteriormente, a desconstrução do conceito de religião no âmbito acadêmico ressoa com a visão junguiana da religião como uma necessidade psicológica universal de buscar sentido e integração da psique. Enquanto isso, observa-se que a laicidade do Estado possibilita que essas expressões sejam abordadas como fenômenos simbólicos e psíquicos, fundamentais para a individuação coletiva e o equilíbrio espiritual dos indivíduos.

Historicamente, o comportamento religioso do homem passou por profundas transformações desde o período medieval. A Reforma Protestante, promovida por Martinho Lutero², impactou as estruturas religiosas em diversas esferas — social, política, econômica e cultural —, ao contestar o poder da Igreja Católica. Essa transformação também se refletiu no contexto brasileiro, diminuindo a forte influência católica herdada da colônia portuguesa, que anteriormente impunha dogmas sobre povos indígenas e africanos (Tostes, 2021).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), as religiões no Brasil se caracterizam por sua diversidade. Apesar disso, a Igreja Católica Apostólica Romana, herança da colonização portuguesa, ainda predomina. Contudo, observa-se uma redução no número de católicos e um crescimento significativo das

² LUTERO, Martinho. *As 95 Teses*. Tradução de Júlio de Mesquita. São Paulo: Editora Vozes, 2007.



igrejas neopentecostais. Essa mudança no comportamento religioso reflete-se na psique humana, alterando formas de interação social, atitudes e valores morais. Até a Constituição da República³, o catolicismo era a religião oficial, mas, na contemporaneidade, houve a separação entre poderes políticos e religiosos, bem como a proibição de práticas de intolerância religiosa, garantindo liberdade de culto (Tostes, 2021).

Lísias Negrão (1997) aponta que, na sociedade brasileira, a diversidade religiosa oferece um amplo campo de análise, articulando o campo religioso à ideia de pluralismo. Observa que não existe uma religião dominante considerada legítima por autoridades eclesiásticas, nem outras que se destaquem exclusivamente pela ação de profetas ou magos. Identifica ainda características comuns às religiões brasileiras, entre as quais: A) a crença na bondade da religião, por conduzir o fiel a Deus; B) o caráter protetor contra males, conforme a concepção cristã; C) a divindade em segundo plano, em relação a santos, mestres, orixás, guias, entre outros; D) a crença em espíritos falecidos, com possibilidade de contato espiritual; entre outras manifestações. Apresenta essas observações como resultado de investigações detalhadas sobre o pluralismo religioso no Brasil, destacando a complexidade e diversidade das práticas e crenças no país:

Pretendo aprofundar a reflexão no sentido de melhor compreender a vivência religiosa plural, ambivalente do ponto de vista das instituições religiosas, mas sentida como legítima e mesmo como indispensável por parte de grande número de agentes religiosos. Interessa-me refletir sobre as trajetórias religiosas de indivíduos particulares, suas estratégias e posicionamentos dentro do campo religioso, sobretudo no que se refere às participações dúplices e migrações entre quadros institucionais de tradições religiosas diferenciadas. Conforme veremos com maior detalhe ainda nestas páginas, a vivência dúplice da experiência religiosa, independente das vinculações institucionais rígidas, é característica histórica da religiosidade brasileira, reforçada atualmente pela enorme diversificação de alternativas introduzidas em seu campo. A duplicidade mais tradicional (católica/afro-brasileira) continua a existir, mantendo o catolicismo como a face religiosa pública e formal, e o culto afro-brasileiro como a face privada e efetivamente vivenciada. Contudo outras duplicidades menos frequentes: católica/kardequista, pentecostal/católica carismática e mesmo a insólita mescla de umbanda com pentecostalismo (Negrão, 1997, p. 64).

³ BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1891.



Silas Guerriero (2003) observa que as características da concepção cristã estão profundamente enraizadas na cultura religiosa brasileira. Esse contexto contribui para o surgimento de novas espiritualidades no país, criando condições propícias para a emergência da Nova Era. Destaca que a Nova Era não constitui um caminho alternativo para alcançar o mesmo Deus ou uma religião singular distinta das demais. Trata de um conceito de difícil definição, pois está relacionado a uma pluralidade de manifestações religiosas que compartilham características comuns. Nesse sentido, o contexto religioso brasileiro se apresenta como cada vez mais complexo e diversificado (Guerriero, 2003).

Harold Bloom (1997) apresenta a Gnose no mundo contemporâneo não como uma organização formal, mas como uma manifestação difusa na Nova Era. Observa que os orientalismos incluem manifestações gnósticas, como o sufismo e a cabala, ressaltando que o centro da Gnose reside na fluidez das fronteiras entre o ser humano e o divino. Nesse contexto, o indivíduo pode alcançar um conhecimento de Deus em seu interior, ampliando a noção de salvação por meio do autoconhecimento. Também destaca a emergência de religiões americanas, como os mórmons e os pentecostais, que se contrapõem à tradição europeia, e identifica esse conhecimento espiritual profundo como um verdadeiro “espírito do tempo”, permeando experiências religiosas em diversas instituições. Dessa forma, a Gnose contemporânea apresenta uma característica marcante: deixa de ser uma religião elitizada para se tornar uma contracultura, que se massifica e funciona como uma forma atual de comunicação religiosa:

O elemento dominante nas tradições religiosas ocidentais - particularmente na Europa e Oriente Médio, menos na América - tende a ser institucional, histórico e dogmático em suas orientações. Isso é verdade para o judaísmo normativo, para os ramos sunita e xiita do islamismo e para o cristianismo, seja católico romano, ortodoxo oriental. Em todos eles, Deus é essencialmente externo ao eu. Os místicos e visionários espirituais dentro dessas tradições foram capazes de se reconciliar com a autoridade institucional, mas sempre houve uma convenção alternativa, o Caminho da Gnose, um conhecimento ou familiaridade com o Deus interior foi condenado como herético pelas religiões institucionais. (...) Outras tradições esotéricas também compreendem essas entidades, mas talvez não tão vivamente nem tão relevantemente quanto os gnósticos, sufis e cabalistas. (...) Nossos batistas e mórmons do sul, nossos adventistas, pentecostais e outras religiões indígenas têm, todos, perspectivas específicas do fim dos tempos em vista, e eu as vi como parte do assunto deste livro, mas apenas em sua periferia (Bloom, 1997, 1-2).



3. Desafios da Psicologia da Religião na Nova Era

Na terceira parte, observa-se que a Psicologia da Religião (PR) enfrenta um percurso complexo ao buscar compreender a diversidade do comportamento religioso e da espiritualidade contemporânea, especialmente no contexto plural e dinâmico da Nova Era. Esta parte destaca a importância de abordagens que valorizem a dimensão simbólica e subjetiva da experiência religiosa, considerando a religiosidade fluida e individualizada que desafia as tradições formais. O conceito de religião é explorado em sua função fundamental como uma forma de relacionamento do ser humano com o transcendente, vinculando-se aos dilemas existenciais e ao desenvolvimento pessoal. Diante dos desafios epistemológicos e metodológicos impostos pela pluralidade espiritual atual, a PR deve continuar evoluindo, reconhecendo o papel social e político da religião e sua influência nas dinâmicas culturais contemporâneas.

Joachim Wach (2018) afirma que a CR pode ser dividida em estudos empíricos e sistemáticos, destacando a PR como um ramo independente voltado à análise das religiões. Ressalta que tanto os estudos empíricos quanto sistemáticos devem incorporar questões da PR, sendo a psicologia a principal fonte de investigação quando se trata do comportamento religioso. Observa que a PR emergiu do florescimento da filosofia da religião, nutrida pelo movimento de expansão dogmática da teologia em direção a contextos de pesquisa psicológica, e não surgiu diretamente da CR ou do estudo empírico das religiões. Muitos pesquisadores desejam vincular a PR à psicologia geral ou à teologia, mas Wach (2018) enfatiza que seu lugar adequado é como método ou disciplina dentro da CR. Conclui que é impensável conduzir um estudo empírico ou sistemático das religiões sem considerar questões psicológicas, destacando a inseparabilidade entre a análise da religiosidade e a compreensão das dimensões psicológicas que a permeiam:

A divisão da ciência da religião geral em estudos empíricos e sistemáticos é suficiente. Além destes dois, não há outros ramos da ciência da religião. Muitos ficarão surpresos com essa afirmação. “E a psicologia da religião?”, perguntarão. “Certamente, é um ramo independente da ciência (*Wissenschaft*) preocupado com as religiões, se não for uma disciplina totalmente separada”. Para essas visões, respondo agora. A psicologia da religião emergiu de duas fontes. Deve seu primeiro florescimento à filosofia da religião. Mais tarde, foi vigorosamente nutrida por um movimento teológico que tentou expandir a dogmática em uma direção psicológica. Assim, a psicologia da religião não surgiu da ciência da religião ou do estudo empírico das



religiões. É compreensível, então, que vários pesquisadores desejem tornar a psicologia da religião um ramo da psicologia propriamente dita. Outros, no entanto, ligam a psicologia da religião com a teologia e, dentro da teologia, tornam a psicologia da religião um método ou uma subdisciplina independente. O lugar da psicologia da religião na ciência da religião é semelhante a essa segunda abordagem (Wach, 2018, p. 251).

Geraldo Paiva (2018) demonstra que a Psicologia se aproxima da CR, sendo impossível dissociar completamente as duas áreas. Aponta que a PR constitui uma ciência ocidental moderna, surgida no contexto científico do século XIX, quando a psicologia, inicialmente considerada uma ciência física, passou a dialogar com as ciências do espírito. A PR refere-se ao estudo científico do psíquico diante do comportamento religioso. Destaca que diversas áreas do conhecimento — como história, sociologia, política, antropologia, economia e filosofia — também se interessam pelo contexto religioso. Ressalta que o objeto da PR não é a cultura social em si, mas os variados comportamentos psicológicos relacionados à religião. Além disso, enfatiza que a PR adota uma perspectiva pautada na ciência empírica, focada na análise do comportamento manifestado e dos fenômenos observáveis, sem necessariamente investigar a essência do objeto pesquisado (Paiva, 2018).

Paiva (2018) aponta que a PR vem ganhando destaque tanto no âmbito nacional quanto internacional, refletido na atuação de associações, realização de eventos científicos, publicações periódicas e intercâmbios acadêmicos. Enfatiza a relevância do debate sobre o papel público da disciplina, especialmente diante das demandas de movimentos sociais e da inserção política, promovendo diálogos entre a PR e diversos profissionais de áreas correlatas. Na PR, busca-se explicar o comportamento psíquico relacionado às múltiplas manifestações do religioso, considerando suas dimensões individuais e sociais (Paiva, 2018).

Paiva (2018) destaca a complexidade de se analisar o transcendente e o sagrado. O autor define o estudo da PR como a investigação de uma totalidade de expressões linguísticas, ações, emoções e sinais relacionados ao sobrenatural ou a seres sobrenaturais. Ressalta a relevância do Brasil para a análise do comportamento religioso, dada a sua extraordinária variedade de tradições religiosas, o que demanda especialização por parte do pesquisador. Essa diversidade abrange desde as religiões ameríndias até as orientais, africanas, islâmicas, judaicas e cristãs, exigindo atenção cuidadosa às



particularidades culturais e psicológicas de cada tradição. A seguir, apresenta-se um trecho do texto de Paiva que reflete essas ideias (Paiva, 2018).

Neste contexto, a definição mais precisa do conceito de “religião” no pensamento junguiano vincula o termo em latim *relegere/religere* às considerações de Rudolf Otto, expressas em *O Sagrado* (1917). De acordo com o psiquiatra, a religião é uma característica intrínseca da psique, residindo em manifestações do inconsciente. Nesse mesmo livro, ele considera os sonhos como possíveis fontes de informação sobre as tendências religiosas inconscientes (Portela, 2013). Enfatiza-se que o psiquiatra concebe a religião como uma observação consciente daquilo que Otto denominou *numinoso*, ou seja, um efeito dinâmico que transcende a vontade individual humana. Assim, a religião se manifesta em fenômenos e forças sobrenaturais que ultrapassam os limites do mundo objetivo, revelando dimensões profundas e estruturantes da experiência psíquica (Jung, 2011).

Antônio Ávila (2007) afirma que a PR apresenta uma quantidade relevante de contribuições para a compreensão da religiosidade humana, baseadas em múltiplas pesquisas, embora ainda não exista um paradigma único que integre essas contribuições de maneira harmônica. Observa que, para compreender a religião em sua função, é necessário adotar um conceito amplo, capaz de abarcar diversos fenômenos, como ideologias políticas, filosofia e outros aspectos culturais. No entanto, ressalta que a religião, antes de tudo, deve se ocupar com Deus, forças transcendentais e seres sobrenaturais, sendo essa concepção a que melhor delimita sua essência desde o início. Dessa forma, distingue-se o fato religioso de outros fatos humanos, identificando a religião por sua função específica na vida do homem, especialmente no enfrentamento de problemas existenciais. Além disso, destaca que a psicologia profunda possui como denominador comum a defesa da existência de uma dimensão inconsciente na personalidade. Essa abordagem aproxima-se de uma visão mais dinâmica da religião, funcionando como uma tentativa de explicar a origem e o desenvolvimento da personalidade do indivíduo no contexto de sua vivência religiosa (Ávila, 2007).

Também, Ávila (2003) destaca a relevância de se estudar os diversos comportamentos religiosos, explorando suas diferenças significativas e proporcionando compreensão das estruturas internas das experiências religiosas. Ressalta também a importância do discernimento entre atitudes religiosas aparentes e autênticas (Ávila,



2003). Por sua vez, William James (2003) observa que a fé religiosa de um indivíduo se desenvolve a partir de diversas doutrinas, constituindo-se como uma fé pautada na existência de uma ordem transcendente invisível. Enfatiza que Deus deve ser compreendido como um poder profundo do Universo, frequentemente concebido na forma de uma personalidade mental (James, 2003).

Hans-Jurgen Fraas (1977) aponta que o objeto da PR é a religiosidade humana, ou seja, a experiência religiosa em suas diversas formas de expressão, incluindo tanto o comportamento individual quanto o social. Observa que as questões psicológico-religiosas raramente são incorporadas ao âmbito da psicologia, manifestando interesse apenas em alguns psicólogos dedicados ao desenvolvimento humano e social. Fraas propõe uma perspectiva teológica sobre a PR, fundamentada em duas considerações teóricas e uma prática: A) O conceito de psique, entendido como possuindo vida pessoal e correspondendo à tradição cultural ocidental; B) O conceito de religião, originado a partir da história dos efeitos da fé cristã; C) A religiosidade como prática individual, que se relaciona à experiência histórica concreta vivenciada na subjetividade de cada indivíduo. Dessa forma, enfatiza que a PR deve compreender tanto a dimensão individual quanto histórica da religiosidade humana (Fraas, 1977).

Jacob Belzen (2012) aponta que as relações entre religião e psicologia se tornaram múltiplas e complexas. Observa que houve um período de distanciamento, durante o qual tais ligações não foram refletidas, mas que, na contemporaneidade, emerge a necessidade de discutir fenômenos religiosos no âmbito científico, resultando em uma ampla variedade de publicações sobre o contexto psicológico. No que se refere à PR, destaca que a religião tem diminuído seus tabus, assim como a psicologia tem flexibilizado suas metodologias próprias. Ressalta ainda que o conceito de religião é uma criação ocidental, originada na tradição cristã, e que seu uso apresenta limitações para a análise de fenômenos religiosos diversos, dada a complexidade do comportamento religioso. Enfatiza que não existe uma religião universal, mas sim uma grande diversidade religiosa, que inclui tanto tradições ocidentais quanto orientais, refletindo a pluralidade dos fenômenos estudados pela PR (Belzen, 2012).

Em relação a este contexto, Jung (2011) afirma que o homem tem sua essência baseada no religioso, no espiritual. Dessa forma, a Psicologia Analítica se alinha à Nova Era. Como médico e especialista em doenças nervosas e mentais, não tomou como ponto



de partida credos religiosos, mas sim a psicologia do *homo religiosus*. Ou seja, do homem que observa cuidadosamente fatores que agem sobre ele, sobre seu estado geral. Assim, o ser humano é visto como inerentemente religioso, buscando significado e transcendência em sua experiência de vida, não se tratando de uma adesão a dogmas ou religiões organizadas, mas sim de uma disposição psíquica para a experiência do “Sagrado” e a busca por um sentido maior (Jung, 2011).

Em suma, a PR, ao dialogar com a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, revela-se uma ferramenta valiosa para compreender a complexidade do comportamento religioso e da espiritualidade contemporânea, sobretudo no contexto plural e fluido da Nova Era. A abordagem simbólica e arquetípica de Jung possibilita uma compreensão aprofundada da religiosidade enquanto expressão dos processos psíquicos fundamentais, como a busca pelo transcendente, a resolução dos dilemas existenciais e a individuação. Apesar dos desafios epistemológicos e metodológicos impostos pela diversidade espiritual atual, essa perspectiva amplia o campo de investigação da PR, oferecendo caminhos para captar as transformações e os significados emergentes nas experiências religiosas contemporâneas. Assim, a contribuição junguiana fortalece a relevância pública e sociocultural da religião, destacando seu papel vital nas dinâmicas políticas e sociais da modernidade.

4. Arquétipos na Nova Era

Na quarta parte, demonstra-se que, no século XX, a psicologia profunda revelou-se como uma das mais poderosas forças de transformação cultural de sua época. Destaca a redescoberta do mistério do inconsciente na mente humana, comparável à influência bíblica, que possibilitou o surgimento de novas interpretações sobre o espírito. Contrasta esse período com o século XIX, marcado por uma alienação obscura da consciência, considerado o mais sombrio da era moderna. No entanto, foi nesse século que surgiram grandes pesquisadores do inconsciente, como Sigmund Freud (2016) e Carl Gustav Jung (2011), cujas contribuições estabeleceram as bases da psicologia profunda moderna (Hoeller, 1995).

As teorias de Carl Gustav Jung (2011) encontram ressonância no movimento da Nova Era. Segundo Leonardo Boff (1997), a Nova Era é composta por indivíduos que



representam um novo paradigma espiritual, distinto das instituições religiosas tradicionais. Esses sujeitos trilham um caminho comparável a uma alquimia espiritual, na qual se integram múltiplos elementos simbólicos e culturais. O desafio proposto pela Nova Era consiste em articular contribuições provenientes do Oriente, da tradição cristã, da física quântica, da nova cosmologia, da psicologia junguiana dos arquétipos e das místicas de diversas origens, tecendo, assim, um “tapete” de significados. Mais do que um sincretismo entendido como simples justaposição de crenças, trata-se de uma síntese interior, elaborada pela experiência subjetiva do buscador espiritual. Esse movimento, portanto, configura uma vivência do Sagrado pautada pela experimentação e pela transformação interior, especialmente entre jovens que anseiam por um novo rosto de Deus, uma nova paisagem espiritual e uma nova linguagem religiosa (Boff, 1997).

Segundo Ávila (2003), o tema religioso sempre despertou o interesse de Jung (2011). Desde a infância, suas recordações e sonhos já revelavam inquietações acerca do mistério da vida, de Deus, da Trindade e do espírito, entre outros temas de natureza metafísica. Paralelamente, manifestava desilusão em relação à religião institucional, o que o levou, ao longo de sua trajetória, a transitar de uma postura de agnosticismo absoluto para uma visão gnóstica da existência. No campo da Psicologia, suas teorias evoluíram de uma postura inicialmente favorável às ideias de Freud (2016) até o rompimento definitivo com a Psicanálise, motivado por uma crise pessoal e pelo estudo de culturas arcaicas e suas expressões simbólico-religiosas. A partir daí, construiu uma perspectiva própria, fundamentada na centralidade da experiência religiosa. Para Jung (2011), a religião não representa uma etapa infantil da vida psíquica, como propôs Freud (1996), mas constitui uma vivência profunda do numinoso — isto é, do mistério sagrado que transcende o ego e conecta o indivíduo às dimensões mais íntimas e profundas da realidade, especialmente através do inconsciente coletivo. Essa experiência promove o processo de individuação, cuja função é amadurecer e curar o ser humano, conduzindo-o à totalidade do *Self* (Ávila, 2003).

Após seu distanciamento da psicanálise freudiana, Jung (2015) concentrou-se na fundamentação da Psicologia Analítica, propondo modificações significativas em conceitos centrais da Psicanálise, como a teoria do inconsciente e a interpretação dos sonhos. Apesar das resistências encontradas, seguiu firmemente seu próprio percurso teórico e simbólico. Na Psicologia acadêmica contemporânea, contudo, a abordagem



junguiana ainda ocupa um espaço restrito, o que evidencia a necessidade de compreender as lacunas existentes no meio universitário. Observa-se que há amplo campo para novas produções científicas, especialmente diante do crescimento de publicações recentes sobre o autor. Apesar dessa limitação, nota-se uma expansão significativa dos centros de Psicologia Analítica e das instituições formadoras em diferentes regiões do mundo — América do Sul, Estados Unidos e Europa —, acompanhada pelo surgimento de associações dedicadas à pesquisa e à difusão do pensamento junguiano. No Brasil, essas associações têm incentivado a produção acadêmica, promovendo novos debates e impulsionando pesquisas que reafirmam a relevância contemporânea da Psicologia Analítica (Hortegas, 2016).

Jung (2015) afirma que o crescimento do conhecimento ocorre por meio da integração dos conteúdos coletivos inconscientes, os quais exercem influência direta sobre a personalidade do ego. Esses conteúdos, uma vez integrados, passam a constituir aspectos do *Self*, ampliando não apenas os limites da consciência, mas também o sentido do próprio eu. Tal processo exige que o indivíduo confronte o inconsciente com uma atitude crítica, reflexiva e profunda, condição indispensável para a assimilação equilibrada dos conteúdos simbólicos. Em contrapartida, quando há identificação inconsciente com esses conteúdos, o sujeito pode ser facilmente dominado por suas influências arquetípicas. Exemplifica esse fenômeno ao afirmar que uma consciência masculina, ao entrar em contato com a anima, pode tornar-se possuída por ela, caso não mantenha uma postura consciente e diferenciada diante desse aspecto interior. (Ferreira, 2015).

Para Jung (2011), o ser humano não nasce como uma tábula rasa, mas herda uma disposição psíquica ancestral, constituída pelo inconsciente coletivo e pelos seus arquétipos correspondentes. A partir dessa concepção, o psiquiatra buscou compreender as semelhanças de comportamento e de expressão simbólica entre diferentes povos e culturas, o que se manifesta na criação e assimilação de mitos, ritos e símbolos universais. Com base nessa perspectiva, direcionou suas pesquisas sobre o fenômeno religioso para um campo psicologicamente fundamentado, interpretando a religiosidade como expressão da psique. Assim, o autor analisou temas tradicionalmente considerados controversos — como o esoterismo, a Gnose e o misticismo — à luz da dinâmica simbólica e arquetípica do inconsciente (Rodrigues, 2015).



Jung (2007) foi, sem dúvida, um profundo conhecedor das dimensões interiores do ser humano. Negar o caráter gnóstico de sua obra equivaleria a ignorar os dados biográficos e teóricos que permeiam toda a sua trajetória. A melhor leitura introdutória para compreender esse aspecto é o texto *Os Sete Sermões aos Mortos*⁴, considerado a fonte e o ponto de origem de todo o desenvolvimento posterior de seu pensamento. Trata-se de uma obra que apenas um verdadeiro gnóstico poderia ter escrito, tanto pela densidade simbólica quanto pela profundidade de suas formulações espirituais. Optou por revestir suas revelações arquetípicas pessoais com a terminologia e o estilo mitológico da antiga Gnose alexandrina, atribuindo sua autoria a Basílides⁵ de Alexandria, mestre gnóstico do século II. Demonstrando notável erudição e sensibilidade simbólica, utilizou conceitos como “Pleroma” e “Abraxas” para representar estados psicológicos de elevada abstração e transcendência (Ferreira, 2015).

Conforme aponta Stephan Hoeller (2018), apenas um gnóstico autêntico poderia empregar tais imagens e conceitos com tamanha profundidade e coerência. Jung (2010) realizou isso — e muito mais —, podendo ser considerado gnóstico tanto em um sentido amplo, como conhecedor das realidades mais profundas do psiquismo humano, quanto em um sentido estrito, como restaurador moderno do gnosticismo dos primeiros séculos do cristianismo. Durante o período decisivo de sua maturidade, dedicou-se intensamente ao estudo da Gnose primitiva, antes de voltar sua atenção ao valor simbólico e terapêutico da Alquimia dentro de sua abordagem psicoterapêutica (Hoeller, 2018).

Segundo o site Gnosis Brasil (2025), a etimologia do termo Gnose (do grego moderno Gnōsis) refere-se, literalmente, ao conhecimento. No texto apócrifo *Pistis Sophia*⁶, Jesus Cristo transmite a essência desse conceito, indicando seu caráter espiritual e transformador. Atualmente, o termo Gnose adquiriu um sentido mais amplo, designando conhecimento esotérico, interior e profundo, cuja origem remonta a civilizações antigas, incluindo tradições orientais, e se estende a dimensões suprasensíveis, transcendendo a experiência meramente material.⁷

Além disso, a postura dos gnósticos apresenta um caráter herético, como se observa em Alexandria, onde homens e mulheres ousaram transformar sua consciência

⁴ JUNG, Carl Gustav. *Os sete sermões aos mortos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

⁵ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 1997.

⁶ MEAD, George. *Pistis Sophia: A Gnostic Gospel*. Londres: Watkins, 1921.

⁷ GNOSIS BRASIL. *O que é Gnosis?* Disponível: <<https://gnosisbrasil.com/gnosis/>>. Acesso jun. 2025.



em tribunal, tornando-se uma ameaça à ordem vigente e ao poder instituído, conforme lembrado por Jung (2011). No plano individual, quando o sentido da vida se perde, os valores morais e éticos convencionais ruem e as instituições falham em atender aos objetivos do sujeito, surge uma nova busca existencial. Essa busca é uma consequência do desconforto que o gnóstico sente diante da perda do paraíso, seja pela queda, seja pelo exílio interior. Entretanto, a Gnose não se reduz a novos referenciais teóricos; trata-se, sobretudo, de uma vivência prática. O que caracteriza a experiência gnóstica é a percepção do mundo como estranho, colocando o ser humano na condição de errante, em constante busca pelo retorno à sua verdadeira morada: seu interior psicológico (Cardoso, 2018).

Por fim, observa-se que Jung (2010) interpreta o gnosticismo de maneira análoga à “Alquimia”, considerando-o uma expressão simbólica complementar à Psicologia Analítica. Para ele, a mitologia gnóstica representa processos que parecem externos, mas que correspondem, sobretudo, a dinâmicas internas e psicológicas. Nesse sentido, a progressão gnóstica — da mera existência corporal à redescoberta da centelha imaterial aprisionada no corpo e à subsequente reunião dessa centelha com a divindade imaterial — simboliza a evolução da consciência egóica segundo a perspectiva junguiana. Dessa forma, aponta-se um redescobrimento do inconsciente coletivo dentro da mente individual, acompanhado pela desintegração do ego e da alma, processos que culminam na formação do *Self* como totalidade psíquica integrada (Segal, 1997).

Considerações finais

Conclui-se que a contribuição analítica que articula o diálogo entre as diferentes perspectivas apresentadas ao longo do artigo centra-se na ideia do “Arquétipo Jung”. Este arquétipo representa a própria teoria junguiana encarnada em seu criador, revelando que a Psicologia Analítica não se limita a um sistema conceitual, mas constitui uma manifestação viva da maneira singular como Jung percebia o mundo, a espiritualidade e a psique humana. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais profunda da religiosidade contemporânea, especialmente daquela vinculada à espiritualidade da Nova Era, caracterizada por seu simbolismo, subjetividade e reconexão com tradições gnósticas.



Desde a introdução, ressaltou-se que a Nova Era representa um fenômeno plural e simbólico, cuja espiritualidade se distancia das estruturas religiosas tradicionais e se aproxima de formas alternativas de vivência do sagrado. Nesse contexto, Jung surge como uma figura-chave — um agente catalisador capaz de integrar o microcosmo psíquico do indivíduo ao macrocosmo cultural e espiritual. Sua leitura do gnosticismo e seu papel no resgate da Biblioteca de Nag Hammadi revelam sua profunda sintonia com formas antigas de saber espiritual, que ressurgem hoje sob novas roupagens, exigindo da CR e da PR um olhar ampliado e interdisciplinar.

Sob essa perspectiva, a teoria junguiana transforma-se em uma ferramenta interpretativa potente, capaz de iluminar os caminhos simbólicos da religiosidade contemporânea. Ao propor a compreensão de Jung como um arquétipo em si, este estudo sugere que ele encarna o “espírito” da Nova Era: uma figura que emerge do inconsciente coletivo para oferecer à humanidade uma nova percepção da totalidade psíquica e espiritual. Assim, as tensões, relações e complementaridades entre CR, PR e Psicologia Analítica se articulam por meio desse paradigma simbólico.

Portanto, o presente artigo propõe uma leitura inovadora: Jung como um arquétipo vivente, cuja obra e trajetória não apenas contribuíram decisivamente para a Psicologia e para os estudos da religião, mas também simbolizam uma nova forma de compreender a diversidade espiritual que caracteriza o nosso tempo. Ao articular as transformações do campo religioso com os aportes simbólicos e psicológicos da tradição junguiana, este estudo configura-se como ponto de partida para pesquisas futuras, voltadas à exploração mais profunda das intersecções entre espiritualidade, inconsciente coletivo e pluralidade religiosa na era contemporânea.

Referências Bibliográficas

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dullo. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, 2010.

ÁVILA, Antônio. *A psicologia da religião*. Estella: Verbo Divino, 2003.

ÁVILA, Antônio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. Tradução: Maria José Rosado Nunes e Thiago Gambi. São Paulo: Loyola, 2007.

BELZEN, Jacob. *Religião e Ciências Psicológicas: considerações críticas*. *Rever*, São Paulo, ano 12, n. 01, jan./jun. 2012.



- BLOOM, Harold. *Omens of Millennium: the Gnosis of angels, dreams, and resurrections*. London: [s. n.], 1997.
- BOFF, Leonardo. Herege Iluminado. *Revista Planeta*, São Paulo, v. 25, n. 5, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. [Constituição (1891)]. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1891.
- CAMURÇA, Marcelo. O Espírito da Nova Era. *Atualidade em Debate*, n. 43, jul./ago. 1996.
- CARDOSO, Heloisa. *As Bases Gnósticas do Pensamento de Jung*. 10 ago. 2018. Disponível em: <https://institutojunguianorj.org.br/as-bases-gnosticas-do-pensamento-de-jung/>. Acesso em: jun. 2025.
- DAMIÃO, Valdemir. *História das religiões: sua influência na formação da humanidade*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- DESAFIO para os Cristãos. São Paulo: Paulinas, 1994.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Londres: [s. n.], 1915.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 1997.
- FERREIRA, Amauri; SILVEIRA, Luiz. Do Círculo de Eranos à construção do simbólico, em Carl Gustav Jung. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2015.
- FRAAS, Hans-Jurgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- FREIRE, J. et al. Espiritualidades Contemporâneas, (Neo)paganismo, Esoterismo, Nova Era. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2018.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GNOSIS BRASIL. *O que é Gnosis?* Disponível em: <https://gnosisbrasil.com/gnosis/>. Acesso em: jun. 2025.
- GROSS, Eduardo. A ciência da religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios. In: *Religião, política, poder e cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.



HOELLER, Stephan. *A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos*. [S. l.: s. n.], 1995. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/hoeller-stephan-a-a-gnose-de-jung-e-os-sete-sermoes-aos-mortos-1995-2-pdf-free.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

HOELLER, Stephan. *Gnosis: Jung and the Alchemical Renewal*. [S. l.], v. 8, Summer 1988.

HORTEGAS, Mônica. *O si-mesmo, Deus e o anima-mundi: a importância da psicologia da manda na obra de Carl Gustav Jung*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

HORTEGAS, M. *et al.* Psicologia e Religião. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Sala de Imprensa*. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 maio 2019.

JUNG, Carl Gustav. *Aion*. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. *O Livro Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. *Os sete sermões aos mortos*. Tradução: Lúcia Maria Lippi Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2007.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. *Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA CAMPANHA, V. de; AMARAL, Leila. Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, 2018.

LUTERO, Martinho. *As 95 Teses*. Tradução: Júlio de Mesquita. Petrópolis: Vozes, 2007.

MEAD, George. *Pistis Sophia: A Gnostic Gospel*. Londres: Watkins, 1921.

MELO DE SOUZA, F. L. A Psicologia (da Religião) em C. G. Jung: a equação pessoal. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, 2011.

NEGRÃO, Lísias. Trajetórias do Sagrado. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 2, 1997.

NOÉ, Sidnei. Notas para uma hermenêutica psicológica do mistério. *Numen*, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22128>. Acesso em: 16 nov. 2020.

OLIVEIRA, Cláudia. Ciência da Religião como educação superior: aspectos históricos, educacionais e científicos. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, 2023.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.



PAIVA, Geraldo. Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa. *Numen*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, jul./dez. 2018.

PAIVA, Geraldo. *Psicologia da Religião: uma introdução*. São Paulo: Edusp, 2022.

PIEPER, Frederico. Aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil: um estudo de caso. *Numen*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 232-291, 2018.

PIEPER, Frederico. Ciência(s) da(s) Religião(ões). In: JUNQUEIRA, Sérgio; BRANDENBURG, Laude; KLEIN, Remi (org.). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

PIEPER, Frederico. Ciências da Religião nas universidades públicas brasileiras: modelos de implementação e desafios. *Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 25-45, 2019.

PIEPER, Frederico. *Ciência(s) da(s) Religião(ões): relações entre modelos e métodos*. Aula preparada para a disciplina Teoria da Religião, PPG em Ciência da Religião da UFJF, 2018.

PIEPER, Frederico. Desconstrução da categoria “Religião” e seus desdobramentos epistemológicos. *Numen*, Juiz de Fora, v. 26, n. 2, p. 168-187, 2023.

PIEPER, Frederico. *Epistemologia da Ciência da Religião: apresentação do curso*. Aulas do curso de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, Juiz de Fora, 2024.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Estudos de Religião*, v. 33, p. 5, 2019.

PORTELA, Bruno. O conceito de religião no pensamento de Jung. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 10, 2013.

RODRIGUES, Marcel. Religião, Deus e Símbolos em C. G. Jung. *Revista Contemplação*, n. 12, 2015.

SEGAL, Robert. Jung and Gnosticism. *Religion*, v. 17, n. 4, out. 1987.

SILVA, Edilza da. Psicologia e Religião: um diálogo entre ciência e transcendência. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, 2024.

SOUZA, Felipe. *O Livro Vermelho de Jung: as polaridades da psique e as concepções de Deus*. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

TOSTES, Patrícia. Diversidade religiosa: uma breve análise das influências Cultural, Psicológica, Filosófica e Política na sociedade. *Revista Unitas*, v. 9, n. 2, 2021.

VELHO, Otávio. Ensaio herético sobre a atualidade da Gnose. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 34-52, jun. 1998.

WACH, Joachim. Os ramos da ciência da religião. *Rever*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2018.